

A UNIVERSIDADE BRASILEIRA E A MORTE DE MOÏSE KABAGAMBE E DURVAL TEÓFILO FILHO: UM GEORGE FLOYD A CADA 23 MINUTOS NO BRASIL*

Clovis Cabral**

Fevereiro iniciou com duas mortes, na verdade dois assassinatos que tiveram grande repercussão.

O **primeiro caso** foi o de *Moïse Mugenyi kabagambe*, jovem imigrante congolês de apenas 24 anos. Moïse foi vítima de ataque violento, que culminou com o seu assassinato, após cobrar R\$ 200 não recebidos por trabalhos que havia realizado para o quiosque Tropicália na Barra da Tijuca, cidade do Rio de Janeiro.

O **segundo caso** (02/02/2022) envolveu um sargento da Marinha Aurélio Bezerra, que matou a tiros *Durval Teófilo Filho*, um homem negro de 38 anos, na entrada do condomínio onde moravam em São Gonçalo (RJ). Durval foi alvejado com três tiros à “queima roupa” ao mexer na mochila para pegar as próprias chaves de casa, confundido com um ladrão.

O estado do rio de Janeiro tem histórico tenebrosamente cruel, tanto de mortes por “bala perdida”, bem como, por chacinas impunes, tanto aquelas produzidas por grupos de extermínio formados por policiais como as que decorrem de ações oficiais das policias civil e militar, supostamente para combater o tráfico de drogas.

Entre 2007-2019, 57 crianças e jovens até 14 anos foram mortos no Brasil por balas perdidas, em ações policiais. Emilly Victoria e Rebeca Beatriz Rodrigues dos Santos; Ágatha Félix, Kauê dos Santos, Kauã Rosário, Kauan Peixoto, Jenifer Gomes, Ketellen Gomes.

Acari, Candelária, Vigário Geral, massacre da Baixada, Complexo do Alemão, Morros do Fallet e da Coroa, de Jacarezinho. A lista é grande e antiga.

Há um recrudescimento da violência racial no Brasil. Nos últimos anos, o país cultivou, ampliou e amadureceu um ambiente favorável ao ódio e ao racismo. Somado à relativização da dor, do preconceito e do *racismo brasileiro que é estrutural, institucional e sistêmico*, o elevado grau de violência faz com que corpos negros, há séculos violados em território nacional, sejam alvos da sociopatia dos incapazes de *enxergar num preto um ser humano pleno em direitos, digno de confiança e de credibilidade, merecedor de respeito e de oportunidade, tão capaz quanto qualquer pessoa.*

O ex-secretário geral da Organização das Nações Unidas (ONU), *Kofi Annan* de modo sintético e ao mesmo tempo abrangente, numa de suas intervenções, durante o processo de organização da *III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*¹ proferiu uma frase profética, que pode introduzir-nos à temática dessa manhã:

*“(...) Em todo o mundo, minorias étnicas continuam a ser desproporcionalmente pobres, desproporcionalmente menos escolarizadas do que os grupos dominantes. Estão sub-representadas nas estruturas políticas e super-representadas nas prisões. Tem menos acesso a serviços de saúde de qualidade e, conseqüentemente, menor expectativas de vida. **Estas e outras formas de injustiças racial são a cruel realidade do nosso tempo, mas não precisam ser inevitáveis no nosso futuro**”²*

CRUELDADE

“(...) Vivemos a Era da Crueldade. Não da violência, da ferocidade, as atrocidades, dos extremos, das incertezas, mas do *sadismo que virou regra*, não espanta mais e não precisa prestar contas (...).

(São) inúmeras (as) dimensões da crueldade humana. Retratá-las em suas peculiaridades, sem forçar paralelismos e tangências, amplia a compreensão sobre esse *vício humano*, e, quem sabe, desencadeia a desejada compaixão (...) *seria uma estultice confinar, ou colocar uma camisa de força, no primado da compreensão única do fenômeno. **Crueldade é um ato de gozo.*** A crueldade, para diferenciá-la da violência, implica em gozo do perpetrador e prazer no espetáculo (...)

Dizem que os fenícios, quando conquistavam uma cidade, em vez de matar os habitantes lhes cortavam pés e mãos. Nunca faltou público para os gladiadores, um entretenimento como eram as posteriores decapitações em praça pública. E a Inquisição, além de criar inventivos instrumentos de tortura, não poupava fogueiras para ecoar os gritos das vítimas queimando aos poucos(...)

Vejam as cenas diárias, dos refugiados que morrem na travessia, por obra dos traficantes de pessoas, do terror instaurado pelo Taleban no Afeganistão, sob os auspícios de Trump[anteriores e posteriores a Ele], dos budistas de Mianmar que queimam os Rohingya que não conseguiram fugir, 98% dos afegãos sob risco de fome, o Iêmen, a Síria, o...tornou-se monótono! (Hoje) habitamos essa ilha de crueldade e indiferença, e de canibalismo material (o 1% contra os 99%) e simbólico (...)"³

NO BRASIL

A verdade é que, transcorridos 21 anos do século XXI; 134 anos "*pós-abolição*" (ou "*pós-escravidão*", como insistem alguns autores),⁴ constatamos que: "***os afro-americanos, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres***" (Documento de Puebla, nº 34,1978). ***A pirâmide social brasileira é gradiente em preto e branco: quanto mais próximo do alto, mais branco; quanto mais próximo da base, mais preto. No Brasil a desigualdade e pobreza têm a cara preta!***

As “*heranças da escravidão*”, aparecem contemporaneamente sob três faces. A **primeira** delas é a “*desigualdade*” (Somos o 9º país mais desigual do mundo. São desigualdades regionais, entre homens e mulheres, entre negros e brancos...). A **segunda** é a “*violência institucionalizada*” (Violência sistêmica e estrutural, utilizada como *instrumento punitivo para controle dos corpos e* das populações empobrecidas, notadamente quando estas se “*rebelam*”. Violência que explode através da “*necropolítica*”).⁵ A **terceira** é a *baixíssima ou quase nenhuma “representação”* de homens negros e mulheres negras nos espaços de poder e decisão. Violência simbólica, tão mortal quanto a violência física.

Vamos nos aproximar mais desta afirmação, se consultarmos todos os indicadores sociais, constataremos que os/as negros/as estão submetidos a **quatro desvantagens fundamentais (quatro déficits fundamentais)**: **1. Ocupacional; 2. Habitacional; 3. Educacional e 4. “desvantagem étnico-racial”**, que atinge de maneira criminosamente cruel a juventude negra brasileira.

A VIOLÊNCIA COMO EXPRESSÃO DO “VICIO DA CRUELDADE”

O Brasil continua a ser um dos países mais violentos do mundo, com taxas de assassinatos muito maiores que a de países como México (29 por 100 mil), Argentina (6,3), EUA (5) ou Portugal (0,8).

Uma das principais facetas da desigualdade racial no Brasil é a forte concentração de homicídios na população negra. *É como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos.*

Os dados colhidos pela *Comissão Parlamentar de Inquérito* sobre a “*Violência contra Jovens Negros e Pobres*” em 2015, revelaram que, *no Brasil, a problemática dos homicídios tem faixa etária, cor e gênero direcionados: dos 56 mil assassinatos registrados por ano, 53% são de jovens com idade entre 12 e 29 anos, dos quais 77% são negros e 93% do sexo masculino*

Os assassinatos no Brasil diminuem apenas para uma parte da população. A taxa de homicídios de negros no país saltou 11,5% de 2008 a 2018, enquanto a morte de não negros caiu 12,9% no mesmo período, mostra o Atlas da Violência 2020.

Nos 11 anos de 2008 a 2018, foram registrados 628 mil homicídios no país. Das vítimas, *91% eram homens, 55% tinham de 15 a 29 anos, com pico de mortos aos 21 anos de idade.* O Atlas da Violência no Brasil do ano de 2020, verificou a *baixa escolaridade, com no máximo sete anos de estudo entre as vítimas.* No total de vítimas, os negros representaram *75,7%*, embora perfaçam *55,8%* da população do país. Há estados em que a diferença é ainda maior: *em Alagoas, por exemplo, para cada não negro vítima de homicídio, morreram 17 negros.*

O mesmo padrão é repetido entre as mulheres: o assassinato de negras cresceu, e o de brancas caiu. Foram 4.519 vítimas de homicídio, o que representa uma taxa de 4,3 para cada 100 mil habitantes do sexo feminino. De cada três mulheres mortas, duas (68%) eram negras. Nos 11 anos abarcados pelo estudo, a taxa de homicídio de mulheres negras cresceu 12,4%; enquanto a das demais caiu 11,7%.

No Brasil a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado.

A VIOLÊNCIA EM SE OCULTAR A VIOLÊNCIA

“A crueldade atual é demais corriqueira, para lá de comum, rotineira, trivial. Passamos batido por ela. Mudamos de canal, para uma comédia romântica (...) Revoltar-se contra óbvias anomalias virou coisa de Poliana. Pois, afinal *o que temos com isso?*”⁶

“O Brasil é um exemplo perfeito, no qual a violência não é percebida ali mesmo onde se origina e ali mesmo onde se define como violência propriamente dita, isto é, como toda prática e toda ideia que reduz um sujeito à condição de coisa, que viola interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetua a crueldade nas relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural (...).

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, a sociedade brasileira é fortemente

hierarquizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. *As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades, que reforçam a relação mando-obediência.* O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade (...).

As relações, *entre os que julgam iguais, são de “parentesco”, isto é, de cumplicidade;* e, entre os que são vistos como desiguais, o relacionamento toma a forma do favor, da clientela, da tutela ou da cooptação, e, quando a desigualdade é muito marcada, assume a forma da opressão.

Há, assim, a naturalização das desigualdades econômicas e sociais, do mesmo modo que há naturalização das diferenças étnicas (consideradas desigualdades raciais entre superiores e inferiores), religiosas e de gênero, bem como naturalização de todas formas visíveis e invisíveis de violência, como o racismo, o machismo, a homofobia (...)

Assim, nossa pergunta: *porque nada acontece diante da crueldade que assola o país?* tem como resposta: *porque a tirania é o modo de ser de nossa sociedade (...)*

[Intoxicados de impotência, parece que só nos restam duas alternativas: cinismo (autoindulgente) ou ingenuidade (combativa e à deriva).]

(...) *O cinismo não é apenas a deliberação de mentir, mas a de tornar irrelevante a distinção entre o verdadeiro e o falso.* Nada mais cínico, por exemplo, do que a afirmação governamental de que *os indígenas são responsáveis pelo desmatamento de nossas florestas e destruidores do meio ambiente (...)*

Ora a distinção entre o verdadeiro e o falso é a marca essencial do pensamento e por isso podemos dizer que *a crueldade se manifesta (também) como ódio ao pensamento (...)*

O ódio ao pensamento é o medo de por em questão o senso-comum, as ideias pré-estabelecidas. Por que ódio e medo se juntam aqui? Por que o pensamento, ao questionar o senso-comum, tem força transformadora: ao pensar, o pensamento faz pensar, dá o que pensar e abala os fundamentos do senso-comum. O ódio ao pensamento aparece no ódio à universidade pública (...)

Desde seu surgimento (no século XIII europeu), a universidade sempre foi uma instituição social, isto é, uma **ação social**, uma **prática social** fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições... (...) [O nosso Mestre *Florestan Fernandes* já nos advertia: “*O que dá grandeza às universidades não é o que se faz dentro delas. É o que se faz com o que elas produzem*”]

Por isso mesmo, a universidade europeia tornou-se inseparável das ideias de *formação, reflexão, criação e*

crítica. Com as lutas sociais e políticas dos últimos séculos, com a conquista da educação e da cultura como direitos, *a universidade tornou-se também uma instituição social inseparável da ideia de democracia e de democratização do saber*: seja para realizar essa ideia, seja para opor-se a ela, a instituição universitária não pôde furtar-se à referência à democracia como ideia reguladora (...)

O que significa formação? Antes de mais nada, como a própria palavra indica, uma relação com o tempo: *é introduzir alguém ao passado de sua cultura (no sentido antropológico do termo, isto é, como ordem simbólica), é despertar alguém para as questões que esse passado engendra para o presente, e é estimular a passagem do instituído ao instituinte (...)*

A formação recolhe o passado – que foi pensado, dito, feito -, o compreende em seu presente e no nosso; interroga o presente – o que há para ser pensado, dito e feito; e abre o futuro como porvir – o que nossa interrogação deixa para os que virão depois de nós quando se puserem a pensar, dizer e fazer (...)

Interpretar o presente é interrogá-lo para desfazer sua aparência, isto é, sua positividade e, com ela, a positividade atribuída tanto à imagem fixa do passado quanto um cálculo apaziguador do futuro (...)

Imersa numa história, a obra de pensamento inaugura uma nova história, abre um campo de pensamento inédito

graças às críticas das representações instituídas, que obscurecem o presente e o porvir (...)

Com efeito, afirmar que a obra de pensamento é um trabalho intelectual significa que há uma matéria a ser transformada pela reflexão.

A formação é o que permite o nascimento e o desenvolvimento da pesquisa... (e também da extensão comunitária, o tripé onde está assentada a ideia de universidade no Brasil)

Como instituição social, a universidade não pode evitar tensões entre sua dimensão acadêmica e sua dimensão sócio-política”.⁷

Nesse primeiro dia desta Semana de Abertura do Ano Acadêmico de 2022, a Unicap quer refletir sobre essa tensão, tomando como ponto de partida ***O papel da Universidade no combate ao racismo estrutural/institucional: impasses e perspectivas.***

Para ajudar-nos nesta tarefa está entre nós o professor Moisés de Melo Santana.

O professor Moisés Santana, possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1984), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (1991), Doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). É Pós Doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC SP. Foi Diretor do

Departamento de Educação da UFRPE. Foi membro da Comissão Técnica Nacional para Assuntos Relacionados à Educação dos Afro-brasileiros CADARA/ MEC. Foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades. Foi Coordenador do Consórcio Nacional de Núcleos de Estudos Afro Brasileiros - CONNEABs (2012/2014). Atualmente é Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, em associação entre a Universidade Federal Rural de Pernambuco e a Fundação Joaquim Nabuco e Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Cidadania da UFRPE.

*

**

¹ Esta conferência realizou-se em Durban, África do Sul entre os dias 31 de agosto a 8 de setembro de 2001. Foi precedida por duas outras conferências, realizadas em Genebra nos anos de 1978 e 1983, respectivamente.

² KOFI ATTA ANNAN nasceu, em [8 de abril](#) de [1938](#). É um diplomata de [Gana](#). Foi, entre [1º de janeiro](#) de [1997](#) e [1º de janeiro](#) de [2007](#), o sétimo [secretário-geral](#) da [Organização das Nações Unidas](#), tendo sido laureado com o [Nobel da Paz](#) em [2001](#). Kofi Annan e as Nações Unidas foram co-receptores do [Prêmio Nobel da Paz](#) de 2001 pela criação do [Fundo Global de Luta contra Aids, Tuberculose e Malária](#) para ajudar países em desenvolvimento em seus esforços para cuidar de seu povo.

³ DA CRUELDADE: Uma plataforma política sem reviravoltas trovejantes: apenas tornar os homens menos infelizes. Por Marília Pacheco Fiorillo, 03/02/2022 - www.aterredonda.com.br

⁴ THEDORO, Mário (org.); JACCOUD, Luciana; OSÓRIO, Rafael; SOARES, Sergei. ***As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição***. Brasília: IPEA, 2008

⁵ Mbembe, Achille. ***Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte***. 8ª ed. São Paulo: N-1 Edições, 2020

⁶ DA CRUELDADE: Uma plataforma política sem reviravoltas trovejantes: apenas tornar os homens menos infelizes. Por Marília Pacheco Fiorillo, 03/02/2022 - www.aterredonda.com.br

⁷ O LUGAR DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA. Por Marilena Chauí - www.aterredonda.com.br, 25/02/2021